

A Importância de Marx para a Educação

Paulo Ghiraldelli Jr

Quando Marx entrevistou nas organizações operárias do século XIX, ele o fez não só para falar de estratégias da revolução ou coisas do gênero; ele o fez, em grande parte, para redescrever certas palavras e noções que pareciam ter perdido a força.

Uma das palavras que ele redescreveu foi a palavra "educação". E através disso Marx se tornou, para nós, os seguidores de várias coisas que ele disse, um bom filósofo não são da economia, mas também um bom filósofo da educação. Marx tentou uma revolução no discurso educacional quando falou da escola como uma instância livre do Estado, sendo apenas mantida por este, mas sem sua intervenção teórica. Marx tentou completar tal revolução quando falou da escola como um centro de união entre ensino e trabalho, mas não o trabalho como então este estava se consolidando no século XIX, ou seja, como algo capaz de sugar as energias intelectuais e emocionais dos jovens, mas sim o trabalho como local onde linguagem, ciência, filosofia e espírito se encontram em ebulição. Essas duas batalhas de Marx foram retomadas por outros pensadores, com algumas modificações. John Dewey, sem dúvida, com a noção de "experiência", valorizou tanto o trabalho na acepção de Marx quanto este poderia ter feito, principalmente se, agora, pudéssemos pensar a noção de "praxis", em Marx, como se não tivesse caído nas mãos daqueles que Marx não apoiava, ou seja, os marxistas.

A noção da escola separada do Estado, então, nem é preciso falar: ela foi vista por Marx como tendo seu melhor exemplo nos Estados Unidos. Assim, com essas duas intervenções diretas no tema do ensino, nas reuniões operárias, Marx definiu um programa específico de filosofia da educação: 1) tudo que estivesse ligado às novas possibilidades intelectuais que vinham impressas, sintetizadas, no mundo do trabalho, deveriam estar à disposição da juventude; 2) toda liberdade que se pudesse dar a escola, que se desse, principalmente em relação ao estado, principalmente porque este seria o seu mantenedor e guarda. Parece fácil, então, levar adiante a filosofia da educação de Marx. Mas nada é mais difícil. Nos países onde o marxismo não virou doutrina oficial do Estado, nem sempre a escola está presa, mas nem sempre ela está devidamente subsidiada; nos países em que o marxismo virou doutrina oficial, a escola perdeu completamente a liberdade. Nos países onde o marxismo não deu as cartas, muito da ciência embutida no trabalho não se insere em um discurso que possa ser tornado público. Nos países em que o marxismo deu as cartas, a ciência moderna nem sempre conseguiu sequer inserir-se no trabalho, deixando tais países em defasagem industrial.

Esses percalços tiram o mérito de Marx como filósofo da educação?

Não acredito. Da mesma forma que o relativo fracasso dos Estados Unidos em se tornar um local com um Estado de Bem Estar Social tão ou mais amplo que países europeus (os países ricos da Europa, e que são mais pobres que os Estados Unidos, possuem um Welfare State mais abrangente que o Welfare State americano, que poderia, pelas condições econômicas da América, ser bem superior) não tira o valor de John Dewey em ter pregado a aliança entre democracia e escola pressupondo uma América rica e socializante, então, os problemas do "marxismo" não tiram o mérito de Marx em ter criado uma linguagem onde a escola seria aliada natural de "mais liberdade" e "mais inovação científica" - ambas acessíveis por todos, na cabeça de Marx. Assim, se o ideal de John Dewey de fazer da escola um bom local para a juventude na medida em que se tiver, no país em questão, democracia social, é válido hoje, creio que mais válido ainda é o ideal de Marx de fazer a escola não um bom local que vive necessariamente sobre uma democracia, mas um bom local que vive entranhado nos processos de democratização. Quais processos? Os que já dissemos: democratização da ciência, dos conhecimentos, melhoramento do espírito da juventude e liberdade para tomar rotas e rumos com a garantia estatal que isso não será quebrado por falta de recursos ou por ação de oligarquias conservadoras etc.

Até Marx, a filosofia da educação falava da noção de homem, para então planejar a educação. Depois de Marx, e para além de vários marxistas, a noção de homem - ligada a uma metafísica caduca - foi cedendo espaço para a noção de "conhecimento como força produtiva" a ser "dominado pelos homens".

Se este programa era muito iluminista, podemos discutir isso hoje. Se esse programa levou Marx, em determinados momentos, a retroceder diante das ciências humanas - quando ele afirmou que não deveríamos dar margem, nas escolas, para o ensino de matérias que poderiam vir a ser ideológicas - também podemos discutir. Esses erros de Marx poderiam muito bem ser corrigidos se, como filósofos da educação, lêssemos um pouco de Rorty ou qualquer outro apologeta da literatura, das artes etc. , no ensino. Mas, o que insisto, é que Marx foi um dos primeiros a fazer a filosofia da educação deixar de olhar para dentro, para o homem, para o umbigo, e voltar seus olhos para o mundo: trabalho, comunicação, ciência e democracia - eis aí o mundo, dizia Marx, para a filosofia da educação. Esse legado de Marx para a educação ainda está inexplorado. Marx pode ser um autor para a educação tão na moda quanto deveria ser Donald Davidson. Mas só para pessoas inteligentes. Os que querem lê-lo como quem lê seu primeiro livro.

Ahh. Marx não é francês nem alemão. Se Marx fosse ter de escolher uma nacionalidade, ele seria americano, uma vez que, como Dewey disse, todo americano só é americano porque é hifenado. Marx era hifenado: ele tinha todos os hifens, isto é, ele era franco-germano-afro-arabe ...-americano. Ela era ci dadão do mundo, como os americanos são (ainda que muitos deles não saibam

que são). Marx ensinou também isso para a filosofia da educação: a não ser mais algo de domínio de franceses, fossem estes ou não franceses (no fundo, havia tanto alemão afrancesado no tempo de Marx quanto no Brasil de hoje, e Marx sabia que a França era apenas passado). Marx ensinou a filosofia da educação a olhar em direção ao mundo e, principalmente, ao Novo Mundo. Essa lição não se perdeu.